

**Resumo:** A V Conferência do CELAM em Aparecida (2007) tem uma perspectiva ecumênica. Dedicou duas seções do documento conclusivo ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Entre seus pressupostos teológicos está a participação da comunhão dada por Deus. Os caminhos da unidade são de santidade, de diálogo e de colaboração. Também é de interesse ecumênico o propósito geral do documento de valorizar a vida, ao conduzir os discípulos missionários à vida plena em Cristo.

**Abstract:** The CELAM V conference in Aparecida (2007) has an ecumenical perspective. It dedicates two sections of the concluding document to ecumenism and interreligious dialogue. Among its theological presuppositions is the participation of the communion given by God. The paths of unity are those of sanctity, of dialogue and of collaboration. The general proposal of the document in valuing life through leading the missionary disciples to full life in Christ is also of ecumenical interest.

## A perspectiva ecumênica do Documento de Aparecida

*Maria Teresa de Freitas Cardoso\**

---

\* A autora é Doutora em Teologia, professora da Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro, do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro, da Faculdade de São Bento – Rio de Janeiro e do Instituto Filosófico e Teológico São José, de Niterói, e membro da Comissão Arquidiocesana para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro.



## Introdução

O ecumenismo é uma das solitudes pastorais da V Conferência do CELAM, realizada em Aparecida no ano de 2007. O documento conclusivo (DA) tem uma perspectiva ecumênica seja por dedicar seções específicas ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, seja porque o propósito geral do documento se apresenta com um interesse ecumênico.

A visão ecumênica do documento se faz a partir de uma teologia de comunhão. O diálogo inter-religioso se orienta para uma colaboração. A intenção geral do documento é de buscar a vida em plenitude, e nisso inclui uma valorização da vida, que pode ser um valor comum no diálogo. Este artigo pretende fazer uma breve análise do tratamento que o CELAM dá a esse tema, mostrando pressupostos e caminhos que se delineiam.

### 1 A solicitude ecumênica na V Conferência do CELAM

Os bispos do CELAM em Aparecida tiveram solicitude com a questão do ecumenismo e com a possibilidade de promover a pastoral de hoje levando em conta também o ecumenismo. Tal interesse se mostrou desde o acolhimento de observadores não católicos, até a dedicação de seções específicas para o tratamento do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

A V Conferência escutou a voz de oito observadores não católicos: um arcebispo grego ortodoxo, um arcebispo anglicano, o presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil e moderador da Comissão Central do Conselho Mundial de Igrejas, um pastor metodista, um pastor da Igreja Missão Pentecostal, uma pastora presbiteriana co-presidenta do Conselho Mundial de Igrejas, um pastor presidente da União Batista Latino-Americana e um representante da Comunidade Hebraica (do Brasil).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Para a lista oficial dos participantes da V Conferência do CELAM em Aparecida, cf. site do CELAM <[www.celam.org](http://www.celam.org)>, acesso em 8/9/2007. Lá não consta o nome do representante judeu. Para o texto do Documento de Aparecida (DA), cf. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Brasília: Edições CNBB – São Paulo: Paulinas – São Paulo: Paulus, 2007.



Os bispos acolheram os depoimentos de cada um e levaram para as suas conclusões a decisão de uma ação ecumênica, levados por motivos teológicos e pastorais, e com a ideia de realizar melhor serviço de vida em nossa sociedade. Valorizaram a colaboração dos cristãos, a estima e a solidariedade com os judeus e o respeito e a valorização mútua para com as religiões autóctones. O documento de Aparecida dedicou o espaço de algumas páginas ao ecumenismo e o diálogo inter-religioso.

## 2 O ecumenismo no DA: pressupostos, objetivos, caminhos

Tratamos primeiramente do ecumenismo em sentido estrito, ou busca de maior unidade entre os cristãos. Que pressupostos estão na base da solicitude ecumênica no DA? Que ideias teológicas fundamentais iluminam suas proposições? Que preocupações marcam suas decisões? Que pistas concretas de ecumenismo devem ser percorridas?

O propósito geral da Conferência é impulsionar “a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida nEle” (DA, n. 1). Pede-se a Maria, “perfeita discípula e pedagoga da evangelização, que nos ensine a ser filhos em seu Filho e a fazer ‘o que Ele nos disser’ (Jo 2, 5)”. “Fazer o que Ele disser” implica em viver a unidade. Ser discípulo como ser missionário é atender ao Evangelho. O Evangelho mostra que Jesus, diante de Sua Hora, orou pela unidade com o amor do Pai e do Filho. A unidade tem repercussão missionária: “que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17, 21).

A comunhão eclesial, que foi objeto do quinto capítulo do DA, é vista como pressuposto do ecumenismo: “a compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduz ao diálogo ecumênico” (DA, n. 227). Ela é vista também em relação com o batismo, que estabelece uma relação entre cristãos. Trata-se de um vínculo sacramental. O batismo e o reconhecimento do batismo são importantes na relação ecumênica. Feitos filhos no Filho, e ligados sacramentalmente no batismo, o batismo irmana.

Essa ligação pelo batismo torna irrenunciável o caminho ecumênico. Isso se mostra na encíclica *Ut Unum Sint*, de João Paulo II. O DA recorda, junto com a encíclica, que “com o Concílio Vaticano II a Igreja Católica empenhou-se, *de modo irreversível*, a percorrer o caminho da



busca ecumênica, pondo-se assim à escuta do Espírito do Senhor, que ensina a ler com atenção os sinais dos tempos”.<sup>2</sup>

À fraternidade, o CELAM contrapõe a contradição da divisão ou da falta de unidade. A falta de unidade “representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo ‘*que todos sejam um*’” (DA, n. 227). É “escândalo”, porque contradiz o evangelho que se apregoa; é “pecado”, porque desobedece ao evangelho de Cristo e vai contra o seu desígnio; é “atraso”, porque entre o “já” e o “ainda não” da dimensão escatológica da Igreja, está o seu crescimento, na ação do Espírito, mas o que divide dificulta o crescimento nos fiéis e obscurece o caminho da Igreja para a sua plenitude.

O DA acentua a oração de Jesus (Jo 17,21): “*a fim de que todos sejam um*”. E ali também se insinua o fundamento da unidade na comunhão entre o Pai e o Filho, ao se acrescentar: “*como tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que eles estejam em nós*”, e se explicita a ressonância missionária do texto: “*para que o mundo creia que me enviaste*”.

O DA faz ver que o fundamento do ecumenismo é teológico. Seria insuficiente ainda a sua afirmação por “exigência simplesmente sociológica”. A razão é antes “evangélica, trinitária e batismal” (DA, n. 228). Depois de mostrar isso, o documento volta a mencionar a eclesiologia de comunhão: o ecumenismo “expressa ‘a comunhão real, ainda que imperfeita’, que já existe entre os que foram regenerados pelo batismo”, e também faz “o testemunho concreto de fraternidade”. Existe uma comunhão real, ainda que imperfeita. Essa comunhão deve ser visibilizada. O testemunho de unidade compartilhada poderia tornar-se um sinal na missão. Afinal, temos tanto em comum, pois, como se tem dito desde o papa João XXIII, “é muito mais o que nos une do que o que nos separa”.

Além disso, o diálogo, marcado pelo “caráter trinitário e batismal do esforço ecumênico”, emerge como “atitude espiritual e prática”, trilhando um “caminho de conversão e reconciliação”. O Vaticano II sancionou o tema da conversão, junto com a oração, dentro do chamado

<sup>2</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica “Ut unum sint”* (UUS), sobre o empenho ecumênico (25/5/1995), São Paulo: Loyola, 1995, n. 3. A intenção ecumênica do concílio se confirmava no Decreto “*Unitatis Redintegratio*” (UR), *sobre o ecumenismo*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*, Petrópolis: Vozes, 21<sup>a</sup>, 1991, n. 1 e na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*, Petrópolis: Vozes, 21<sup>a</sup>, 1991, n. 1.



“ecumenismo espiritual”.<sup>3</sup> Também a encíclica *Ut unum Sint* falava em diálogo para “exame de consciência”,<sup>4</sup> “diálogo da conversão”,<sup>5</sup> e pressupunha sempre “a vontade de reconciliação”.<sup>6</sup> O diálogo ecumênico ultrapassa a explanação de doutrinas. Ele busca a história para reconhecer a verdade dos fatos, das práticas, acertos e faltas; acertos que serão justamente valorizados, faltas pelas quais se pedirá o perdão.

A meta final é a da celebração conjunta da Eucaristia, que constitui, na encíclica sobre o ecumenismo, um “desejo ardente” de todos os cristãos.<sup>7</sup> O Conselho Mundial de Igrejas expressa o mesmo desejo pela sua comissão Fé e Constituição: chegar um dia à meta da “unidade visível em uma fé e uma comunidade eucarística, expressa no culto e na vida comum em Cristo”.<sup>8</sup> Para alcançar a meta, o DA pensa no “compromisso do Batismo”.

Em seguida, o DA propõe uma apologética autêntica. Hoje as pessoas se colocam muito frequentemente contra a apologética. Teme-se uma apologética polêmica. Hoje se pede uma apologética apropriada a nossos tempos, que evite dividir os cristãos ou agredir o mundo. O DA pede uma apologética inspirada nos Pais da Igreja como uma “explicação da fé”. Não seja de “per se” negativa. Seja para “dizer o que está em nossas mentes e nossos corações de forma clara e convincente”, como diz Paulo, “seguindo a verdade no amor” (Ef 4, 15). Tal apologética se caracteriza pela serenidade, a limpidez e a fidelidade evangélica na caridade. De fato, a verdade e a proposta do evangelho ficariam mais translúcidas na boa palavra e na prática cristã. Explica-se o sentido do Evangelho. Valoriza-se a fidelidade da vida. A verdade evangélica se mostra mais clara e comunicadora de vida: “uma apologética renovada para que todos possam ter vida nEle” (DA, n. 229). Também o ecumenismo se beneficia dessa nitidez, da serenidade e da caridade, da sinceridade e da santidade.

<sup>3</sup> Cf. UR, nn. 6-8.

<sup>4</sup> Cf. UUS, n. 34.

<sup>5</sup> Cf. UUS, n. 35.

<sup>6</sup> Cf. UUS, n. 29.

<sup>7</sup> Cf. UUS, n. 45.

<sup>8</sup> De modo mais completo, no original em inglês: “to proclaim the oneness of the Church of Jesus Christ and to call the churches to the goal of visible unity in one faith and one eucharistic fellowship expressed in worship and in common life in Christ, in order that the world may believe”. Cf. M. TANNER, “*What is Faith and Order?*”, no site de World Council of Churches / Faith and Order, <[www.wcc-coe.org](http://www.wcc-coe.org)>, acesso em 28/11/1999.



O CELAM dedica-se ao “ecumenismo espiritual”, para acentuar que “a unidade é, antes de tudo, um dom do Espírito Santo”. Por isso, “oramos por essa intenção” (DA, n. 230). Como o decreto UR, contempla a “conversão do coração, santidade de vida e orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos”, que formariam o “ecumenismo espiritual” e seriam “como que a alma de todo o movimento ecumênico”.<sup>9</sup>

Para tudo isso se requer empenho – pessoal e comunitário. Melhor que a agressão ou o preconceito é o cultivo da própria espiritualidade e o respeito e a consideração também da vida espiritual do outro. E, na aproximação e na estima, haveria os frutos espirituais de enriquecimento mútuo, do encorajamento mútuo, da santidade que desperta para a santidade. No ecumenismo espiritual destaca-se a oração. Participa-se da oração de Cristo pela unidade. E se pode orar pelas várias intenções que podem ser compartilhadas.<sup>10</sup>

Já houve muitos frutos no movimento ecumênico (DA, n. 231). Poderiam parecer poucos. Uma pista a percorrer seria a de apreciar tantos sinais de Deus na história recente de busca de unidade, e outra, a de procurar aproveitar mais os meios que temos de fazê-la crescer. Assim, se “o movimento pela unidade dos cristãos” foi uma “ação do Espírito Santo” e se já foram recolhidos “muitos frutos”, ainda necessitamos de “mais agentes de diálogo e mais bem qualificados”. Seria bom tornar “mais conhecidas as declarações que a própria Igreja Católica tem subscrito no campo do ecumenismo desde o Vaticano II” (DA, n. 231). Seria oportuno estudar o Diretório ecumênico e procurar a dimensão ecumênica na formação dos que trabalham no ministério pastoral. O ministério pastoral é sempre um ministério de comunhão.

O DA valoriza a necessidade de uma preparação adequada ao mostrar que a mobilidade humana é uma “característica do mundo de hoje”. Deve-se preparar os fiéis para o encontro e o diálogo. A aproximação das pessoas com diferenças de tradições, de culturas, de religiões, pode tornar-se “ocasião propícia do diálogo ecumênico da vida”, como

<sup>9</sup> Cf. UR n. 8.

<sup>10</sup> Cf. a oração pela unidade compartilhando várias intenções em CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, São Paulo: Paulinas, 1994, n. 108-109.



exposto pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (citado no DA).<sup>11</sup>

Uma das dificuldades para o ecumenismo seria “o surgimento de novos grupos religiosos” (DA, n. 232). E há os “que deixaram a Igreja para unir-se a outros grupos religiosos” (DA, n. 225-226). Eles seriam levados por motivos “vivenciais”. Não teriam encontrado “uma experiência religiosa profunda”. O CELAM faz pensar que é preciso desenvolver uma “experiência religiosa profunda”; um “anúncio querigmático” e “testemunho pessoal dos evangelizadores”, para favorecer “uma conversão pessoal e a mudança de vida integral”; e uma “vivência comunitária”, em que se sintam “valorizados” e “eclesialmente incluídos”, membros de uma comunidade eclesial e corresponsáveis em seu desenvolvimento”, permitindo-se com isso “maior compromisso e entrega”. Também necessitariam de “formação bíblico-doutrinal” para se poder fazer amadurecer “a experiência religiosa e uma destacada convivência comunitária” (DA, n. 225). Por último, o documento chamava a atenção para a importância do “compromisso missionário de toda a comunidade”, a sair “ao encontro dos afastados” (DA, n. 226).

O ecumenismo fica prejudicado quando existem confusões entre o conceito de ecumenismo propriamente dito e o de diálogo inter-religioso. Por isso, propõe-se o cuidado no emprego desses termos, para se evitar confusões.<sup>12</sup> O Documento não explicita as consequências dessa confusão, mas mostra que as orientações são específicas. A caridade é que é para todos.

Incentiva-se a todos os que participam de trabalhos eclesiais: “aos ministros ordenados, aos leigos e às pessoas de vida consagrada, a participarem de organismos ecumênicos”, com a direção dos pastores, para “realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social”. Aqui se passa da contemplação do que os cristãos são na comunhão eclesial, para todas as suas ações. O DA conclui desejando que “a promoção da unidade dos cristãos”, já “assumida pelas Conferências Episcopais”, venha a se consolidar “sob a luz do Espírito

<sup>11</sup> O DA refere-se à Instrução *Erga migrantes caritas Christi*, nn. 56-58.

<sup>12</sup> Quando se trata do ecumenismo no sentido estrito, trata-se de fazer valerem os laços de comunhão cristã e aí, para os católicos, seria a relação com aqueles que estão no seio de comunidades cristãs não-católicas. Já quando se fala de grupos religiosos não-cristãos, o CELAM emprega a terminologia corrente nos documentos da Igreja Católica, falando de diálogo inter-religioso. O que está em jogo é o círculo em questão neste ou naquele diálogo. A abertura de coração naturalmente deve ser universal.



Santo” (DA, n. 232). Pedem-se novas formas de atuação: “para a nova etapa evangelizadora” que temos à frente, “o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e de missão em comunhão” (DA, n. 233).

Fica também valorizada a colaboração missionária e o testemunho comum, que aliás foram motores do próprio movimento ecumênico em seus albores. A proposta de Aparecida – de sermos hoje discípulos e missionários, por um lado, e os caminhos e objetivos do ecumenismo, por outro lado, se encontram e se implicam mutuamente. Na contribuição mútua aparece mais a comunhão. O cristão vai viver na comunhão e é também chamado a servir pela comunhão e a comunicá-la.

A seção do ecumenismo se conclui com palavras dos papas João Paulo II e de Bento XVI. O primeiro adverte que a clareza e a prudência da fé levam “a evitar o falso irenismo e o desinteresse pelas normas da Igreja”, ao passo que também levam “a evitar a indiferença na busca da unidade”, a “posição pré-concebida”, bem como o espírito de “derrotismo”.<sup>13</sup> Sugerem a fidelidade à própria fé e a coragem de pôr-se a caminho. Bento XVI faz ver que, no ecumenismo, “fazem falta gestos concretos” que penetrem os espíritos para a conversão e o progresso do caminho ecumênico.<sup>14</sup> Gestos concretos! Gestos concretos são certamente os gestos proféticos de tantos líderes e pastores que impulsionaram o movimento ecumênico. Certamente também estão nas pessoas que, no dia a dia, nas diversas comunidades, vivem o espírito do ecumenismo.

### 3 O diálogo inter-religioso no DA

Em cinco parágrafos, a V Conferência do CELAM trata do diálogo inter-religioso. O primeiro deles diz respeito às relações com o povo judeu. Reporta-se à Declaração *Nostra Ætate*, ao recordar a união que cristãos e judeus têm na fé no único Deus, e na palavra do Antigo Testamento.<sup>15</sup> Os judeus podem ser chamados pelos cristãos de seus “irmãos maiores”. Esta foi uma expressão utilizada por João Paulo II na sua histórica visita à Sinagoga de Roma em 1986. Os bispos se fazem

<sup>13</sup> Cf. UUS, n. 79.

<sup>14</sup> Bento XVI mencionou a importância de “gestos concretos” já na sua primeira mensagem ao final da celebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sixtina, aos 20/4/2005.

<sup>15</sup> O DA refere-se ao CONCÍLIO VATICANO II, Declaração “*Nostra Ætate*”, n. 4.





solidários dos judeus, recordando seus particulares sofrimentos “também em nossos países”. As relações com os judeus devem ser consolidadas em “maior colaboração” e no “apreço mútuo” (DA, n. 235).

O diálogo se amplia ainda com o diálogo inter-religioso (DA, n. 236). O DA pensa na “graça de Cristo”, que “pode alcançar a todos os que Ele redimiu, para além da comunidade eclesial, porém de modos diferentes”. São palavras vindas do documento *Diálogo e Anúncio*, de 1991.<sup>16</sup>

O mesmo documento *Diálogo e Anúncio*, aliás, na linha do Concílio Vaticano II na constituição *Lumen Gentium* (LG), primeiro vê a salvação daqueles que “desconhecem que Jesus Cristo é a fonte da salvação”. Eles também seriam alcançados pelo mistério da salvação “por caminhos conhecidos por Deus, graças à ação invisível do Espírito de Cristo”. Valoriza-se o que têm de bom “nas suas próprias tradições religiosas” e sua ação segundo “os ditames da sua consciência”. Por outro lado, o DA pensa, no contexto das relações com os não-cristãos, na importância do testemunho missionário, que se faz conforme o mandato de Atos 1,8, e que levará a “explicitar e promover essa salvação já operante no mundo” (DA, n. 236).

O CELAM pensa no diálogo, principalmente com as religiões monoteístas (DA, n. 237). Deve existir uma articulação entre o anúncio e o diálogo na tarefa evangelizadora. Como está na *Lumen Gentium*, a Igreja é como “sacramento universal de salvação”,<sup>17</sup> refletindo a luz de Cristo que *illumina todo homem* (cf Jo 1, 9). Para isso, comenta o CELAM, deve-se atuar com “empenho, discernimento e testemunho” e com as virtudes teológicas: “fé, esperança e caridade” (DA, n. 237).

Novamente com a LG (n. 1), tem-se em vista a tarefa da Igreja de servir à unidade com Deus e à unidade do gênero humano. Para isso, um instrumento é o diálogo. Este pressupõe o respeito e a valoração das pessoas com quem a Igreja vai dialogar. Aliás, deve-se promover o respeito e a valoração de todas as pessoas, a dignidade comum.

<sup>16</sup> Cf. Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e anúncio* (1991), São Paulo, Paulinas, 1996, n. 29. Referiremos esse documento pela abreviatura Diál An.

<sup>17</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Lumen Gentium*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 1.



Para o documento *Diálogo e Anúncio*, o diálogo inter-religioso envolve mais que uma simples compreensão e relação amistosa, pois vai se colocar também em vista de intercâmbio, onde se pode fazer conhecer o “testemunho do próprio credo” e “a descoberta comum das respectivas convicções religiosas”. Nisso “todos são convidados a aprofundar seu empenho religioso” e a responder sinceramente “ao apelo pessoal de Deus” e a seu “dom gratuito”.<sup>18</sup>

Nas considerações do CELAM em sua V Conferência, entende-se que o diálogo deve ser empreendido como compromisso e graça (DA, n. 238). Supõe uma conveniente preparação. As culturas latino-americanas apresentam diferentes traços, diferentes visões religiosas. Para o cristão, o Evangelho deve ser anunciado. Entretanto, isso há de ser feito “com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (DA, n. 238). Deste modo se insinua um caminho concreto para o diálogo inter-religioso, que, embora sem excluir o direito de anunciar, entretanto o faz antes em perspectiva dialogal.

A secção sobre o diálogo inter-religioso termina procurando a contribuição possível na “construção da nova humanidade”. Assim, também se deseja a construção social. O diálogo pode abrir “caminhos inéditos de testemunho cristão”, porque ele também promove “a liberdade e a dignidade dos povos”, estimula “a colaboração para o bem comum”, ele “supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas” (DA, n. 239). O diálogo ainda pode unir e favorecer o apoio entre as pessoas, também para que procurem superar todo tipo de violência. Pode ajudar a educar para a paz e para a consciência cidadã.

Para encerrar a secção sobre o diálogo inter-religioso, o DA menciona o conjunto da doutrina social da Igreja. Fica insinuado que também a doutrina social poderia ser levada ao diálogo mais amplo. O diálogo da doutrina social seria uma forma de os cristãos tentarem contribuir e buscar o compartilhamento de valores e serviços, aceitando mais colaborações.

#### 4 Considerações sobre o propósito geral do documento

Será que o DA poderia ser todo ele visto como uma contribuição de interesse ecumênico? Parece que o propósito geral da V Conferência do CELAM tem interesse ecumênico. O CELAM propõe diálogo ecumênico

<sup>18</sup> Diál An., n. 40.



e promove que se busque viver mais a comunhão. Propõe diálogo inter-religioso no qual se promove a colaboração. Mais fundamentalmente, o CELAM propõe aos discípulos missionários que vivam a vida plena em Cristo. Ora, na valorização da vida plena se encontra a valorização de todo o viver.

O propósito estabelecido na introdução do documento foi o de fazer de todos os membros da Igreja “discípulos e missionários de Cristo Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos *tenham vida nele*” (DA, n. 1). É nessa perspectiva que se coloca a nova tarefa evangelizadora.

Um dos aspectos a valorizar entre nossos povos é a esperança e a alegria de viver, ainda que passando por condições difíceis (DA, n. 7). A situação hoje traz desafios grandes e requer cuidados. Existem conturbações sociais e políticas. Desenvolve-se uma cultura distanciada da fé cristã e mesmo hostil à tradição cristã. A Igreja está ciente de que deve proteger e alimentar a fé (DA, n. 10). Ela quer promover os cristãos enquanto novos discípulos e missionários, de modo que sejam “protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito” (DA, n. 11), a partir do encontro com Cristo (DA, n. 12). Esse “acontecimento fundante e encontro vivificante com Cristo” vai se manifestar “como novidade de vida e missão em todas as dimensões da existência pessoal e social”.

Tal novidade de vida e de missão requer “uma evangelização muito mais missionária”, empreendida “em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens”. É o modo eficaz de levarmos a novidade de vida à sua plena maturação e frutificação (fala-se também em “frutos de verdade e amor”). O documento usa as palavras de Bento XVI para falar sobre “o rico tesouro do Continente Americano... seu patrimônio mais valioso: a fé em Deus amor”. Esse tesouro, acrescenta o DA, correria o risco de diluir-se.

Hoje se coloca o problema de “escolher entre caminhos que conduzem à vida ou caminhos que conduzem à morte”. Foram dados muitos dons ao continente latino-americano, mas se está diante da possibilidade de dilapidá-los. De fazer uma “cultura sem Deus e sem seus mandamentos”, “animada pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero”. Por outro lado, ficaria ainda aberta a opção por Deus, como a dos “caminhos de vida verdadeira e plena para todos, caminhos de vida eterna”. A serviço dessa opção está a fé, que “conduz à plenitude de vida que Cristo trouxe”, na qual se desenvolve também “a plenitude da



existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”. Toda essa plenitude está implicada na vida que Deus comunica por seu amor gratuito, porque Ele é o amor que dá a vida (DA, n. 13).

O CELAM faz ver que a Igreja quer participar das tristezas e alegrias do homem de nossa sociedade (DA, n. 16). O discípulo, atraído pela sabedoria e a bondade de Cristo (n. 21) e animado pela alegria do Evangelho (DA, n. 28), quer ser portador do Evangelho (n. 30). O dom da fé cristã pode responder de modo mais pleno aos que buscam uma resposta em um mundo de fragmentação (DA, n. 36) e de crise de sentido (DA, n. 37). Trata-se de levar a boa nova: boa nova de Cristo, que é também boa nova da dignidade humana, boa nova da vida, boa nova da atividade humana, boa nova do destino universal dos bens e da ecologia, boa nova do amor e da esperança.

Encontra-se em tudo isso tantos elementos de resposta para os que desejam encontrar sentido do viver. Existem tarefas para o cristão. O discípulo missionário está chamado a uma contribuição efetiva na evangelização e na valorização da dignidade e da vida humana, em suas dimensões individual e comunitária. Todo o DA promove a formação e a atuação do discípulo missionário, em vista da vida plena em Cristo, e a contribuição para difundir uma cultura e um serviço da vida. O DA aponta de modo especial para aqueles que se encontram em situações de especiais dificuldades e que precisam ser acolhidos ao invés de serem excluídos, ser consolados e restaurados, quando apresentam o rosto de Cristo sofredor.

O chamado do Evangelho para a vida é um chamado de interesse ecumênico. Todos os cristãos se identificam com essa aspiração e todos têm responsabilidade em atender ao Cristo. Por outro lado, também não se trata apenas da busca de unidade dos cristãos em torno a esse evangelho. Importa um diálogo maior. O interesse pela vida, e a responsabilidade perante a vida, são para todos, ainda que de diferentes religiões ou de diferentes segmentos da sociedade. O propósito geral do DA se associa a uma aspiração universal. O cristão interpreta essa aspiração e a sua realização mais plena em relação com Cristo. Entretanto, a partir de Cristo se sente motivado a testemunhar e a contribuir com todos, para que todos possam viver melhor e mais plenamente.



## Conclusão

Mostrou-se no DA que a comunhão pertence à realização da Igreja. Os cristãos estão inseridos na comunhão com a Trindade e ligados com laços de comunhão. O ecumenismo decorre da vocação para a unidade e expressa a unidade que já se tem. Ele se constrói com a oração que se associa à oração de Jesus, e se consolida na vida espiritual, no diálogo e na colaboração.

O diálogo inter-religioso amplia as relações dos cristãos. Considera a todos no desígnio de salvação segundo o conhecimento de Deus. O anúncio só se faz com o respeito e o diálogo, como testemunho do cristão. O diálogo promove a colaboração.

A vida plena, que, na fé cristã, se encontra em Cristo, é razão de ser do cristão, também do seu ser discípulo missionário. Essa fé não só responde à sua aspiração natural, mas também o compromete. Os cristãos, pelo diálogo e a colaboração, podem se associar aos outros cristãos e às outras pessoas na sociedade, para que a vida seja valorizada, para que as famílias tenham lugar, para que os que sofrem sejam consolados e atendidos, para que todas as pessoas sejam mais plenamente dignificadas. Isso é de interesse ecumênico. Para o cristão, isso decorre do próprio mistério da comunhão com Cristo a comunicar a sua vida e a sua unidade.

## Referências bibliográficas

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Lumen Gentium*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Constituição Sacrosanctum Concilium*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Declaração “Nostra Aetate”*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Decreto “Unitatis Redintegratio” (UR), sobre o ecumenismo*, in *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.



CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio* (1991). São Paulo: Paulinas, 1996.

CELAM. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica “Ut unum sint”* (UUS), sobre o empenho ecumênico.

<[www.celam.org](http://www.celam.org)>, acesso em 8/9/2007.

<[www.wcc-coe.org](http://www.wcc-coe.org)>, acesso em 28/11/1999.

*Endereço da Autora:*

Av Pref. Dulcídio Cardoso, nº 2500, Bl. 2, Ap. 1.106  
Barra da Tijuca,  
CEP 22631-051 Rio de Janeiro, RJ